REVISTAS DO PORTO – «SOL NASCENTE» (CONTINUAÇÃO)

ABEL SALAZAR E O NEO-REALISMO

Ponte-seca – Vale da Albergaria – Gerês

Até 1933 Abel Salazar foi um homem de laboratório e um Mestre pedagogicamente inovador. A sua tese revelara já interesse por problemas filosóficos (1915)

Possuía também um notável talento artístico, evidenciado pela presença em duas memoráveis exposições no Porto, em 1915 – a dos *Independentes* e a dos *Humoristas e Modernistas.*

O seu valioso e produtivo labor científico, de repercussão internacional, sofreu com a sua actividade incansável como conferencista, em que fez sistematicamente a apologia da Ciência e promoveu o descrédito da Metafísica e da Religião. Dispersou-se, com efeito, por uma colaboração vastíssima em diversos jornais como O Diabo (Lisboa), O trabalho (Viseu) e a *Voz da Justiça* (Figueira da Foz) divulgando e comentando, em género de ensaio, teorias científicas e sistemas filosóficos em consonância com o seu pensamento.

É muito provável que essa dispersão não tivesse sido espontânea, mas sim provocada por influências alheias.

Com essa actividade, o Professor perdeu a cátedra de Histologia na Faculdade de Medicina do Porto, em 1935.

Em 1937, com um grupo interessado à sua volta, entrou na fundação da revista *Sol Nascente* (Ver os números 22 e 23 deste Suplemento, de 3 e 16 – XII – 80), a qual se tornou verdadeiramente a «sua» revista, pela influência, valor e quantidade da colaboração que lhe prestou.

Vimos também como essa revista, a partir de certa altura (em 1938, depois do número 20 e, marcadamente, do número 24) passou para a orientação de um grupo de Coimbra. Deixou de ter assim larga abertura para toda a actividade cultural que, evidentemente, se situasse fora do Estado Novo. Entretanto, José Régio, António Sérgio, Agostinho da Silva, Casais Monteiro, Alberto de Serpa, Nuno Simões etc. colaboraram nessa fase.

A revista enveredou pelo caminho do chamado Novo Humanismo, que Lisboa, como expressão literária, o Neo-Realismo. Abel Salazar perdeu, então, a sua influência. Em vez da Caracterologia e do Positivismo Lógico da Escola de Viena, principais temas da sua divulgação e dos seus ensaios, *Sol Nascente* passou a publicar artigos de Lefèbvre sobre a Dialéctica.

A colaboração do cientista ficou limitada, praticamente, à conclusão da sua obra «A Crise Europeia», que vinha a ser publicada desde o princípio da revista. Secções como a *Revista das Ideias* passaram a ter outros redactores e com a resposta a um inquérito sobre o rumo da pintura moderna termina a sua colaboração.

A preocupação doutrinária marxista superou as manifestações literárias, que se limitavam a algumas poesias de Fernando Namora, Ramos de Almeida, Joaquim Namorado, Manuel da Fonseca e pouco mais. Continuaram as tentativas de ficção neo-realista de Afonso Ribeiro e apenas teve certo desenvolvimento a crítica literária, incidindo sobre autores já marcadamente neo-realistas, como os brasileiros Jorge Amado, Lins do Rego, Amando Fontes, etc. Não admira, porque se atravessava ainda uma fase precursora, aberta a influências. A obra que marcou o início da ficção neo-realista foi o livro «*Gaibéus*», publicado 1940 (ano em que acaba o Sol Nascente).

O Neo-Realismo opunha-se, fundamentalmente, ao velho realismo da Geração de 70. O Socialismo oitocentista, baseado em Prudhon, pequeno burguês e distante das massas operárias, foi o primeiro alvo dos ataques do Neo-Humanismo marxista. Sobre António Sérgio, representante do Socialismo utópico idealista, incidiu a maior agressividade, principalmente através de dois artigos de Jofre do Amaral Nogueira: «Carta ao Senhor António Sérgio» e «O papel duma nova geração».

Prosseguiu, assim, a polémica de Abel Salazar com Sérgio, que já tinha sido estimulada por esse grupo, ao contrário dos amigos do Mestre, que pretenderam sustê-la.

No entanto, Jofre do Amaral Nogueira, na introdução ao livro *O pensamento de Abel Salazar,* editado pela Inova em 1971, comentava a polémica deste modo: «No que respeita ao processo por que haveria de conseguir-se uma reforma da nossa mentalidade, Abel Salazar acabou por colocar-se numa posição semelhante à do seu opositor. Também ele concebeu uma forma dum modo idealista, supondo que ela poderia realizar-se apenas no âmbito da própria vida do espírito, sem acompanhar-se de profundas alterações económicas e sociais...»

Os teóricos do Neo-Realismo não deram grande importância ao Primeiro Modernismo de 1915. Toda a animosidade se concentrou porém contra a «Presença». O ataque começara já em 1936 com Alves Redol, quando opôs o conceito de *Arte Social* ao de *Arte pela Arte.*

Abel Salazar considerava a questão como levantada pelo «prazer da discussão pela discussão». No seu livro «Que é a Arte» ele definiu assim esse pseudo-problema:

«Toda a arte é humana, depende isso do sentido que se queira dar a tais frases, as quais por si nada significam. Se alguém diz que lhe não interessa a arte, quando ela não tem por tema um caso social, esse alguém diz uma coisa sem sentido, que tem o legítimo direito de afirmar; mas se esse alguém diz que toda a arte não pode ser senão social, ou humana, faz então uma afirmação puramente gratuita, vazia de sentido e absolutamente estéril».

Abel Salazar não entrava, portanto, no fundo da polémica «Presença» – Neo-Realismo.

Se ele tinha tido divergências com um presencista, Adolfo Casaes Monteiro, o que estava em causa o modo de divulgação da Caracterologia e o miticismo de Leonardo Coimbra e de Pascoaes. Só na medida do seu entusiasmo pela Caracterologia e nas suas reservas a Freud, Abel Salazar manifestava de maneira indirecta a sua oposição à «Presença», dado que a Psicanálise estava na essência do seu psicologismo.

Foi, porém, numa polémica com Sérgio, que José Régio tomou posição da maior severidade, no n.º 51 da *Presença.*

A questão *Presença – Neo-Realismo* mereceu um livro de Fernando Guimarães, a ela inteiramente dedicada. E alguns passos de Alexandre Pinheiro Torres, nas suas obras sobre o realismo socialista, são-lhe também consagrados.

O «Sol Nascente» tomou parte importante na polémica, com artigos de Afonso Ribeiro, Armando Martins e Amorim de Carvalho, transcrevendo da *Seara Nova* um artigo de Álvaro Cunhal. A *Seara* foi também hostilizada não só se visando António Sérgio mas também Raul Proença, pois não se perdoou ao grande panfletário o seu ataque ao estalinismo.

A revista hostilizou ainda personalidades como Silvio Lima, Cunha Leal, Vieira de Almeida e o General Norton de Matos. É curioso recordar que alguns anos mais tarde, seria o Partido Comunista a apoiar com entusiasmo a candidatura do grande Estadista às Eleições Presidenciais de 1949.

A carga ideológica do Neo-Humanismo determinava um papel decididamente intervencionista. Nesses anos trágicos de 39 e 40, abundavam os comentários sobre os acontecimentos que abalavam o mundo.

Adivinha-se que o lápis azul da Censura muito deverá ter riscado, mas também é motivo de reflexão não se encontrar uma só palavra de comentário a um extraordinário acontecimento que perturbou essa geração: o Pacto Germano-Soviético.

Não podemos passar em branco a justificação de Pinto Loureiro da invasão da Finlândia pela Rússia. Mas o Mestre de Histologia já não era responsável por essa orientação. As páginas duma revista, por coincidência publicada em Coimbra – *Síntese* – abrem-se para a sua colaboração; mas, dentro em pouco, aí o acusam, outra vez, de ser fanático da Escola de Viena. Abel Salazar, nessa revista, e ainda no *Diabo,* anuncia ao nosso público uma ciência que acabava de surgir: a Linguística. A Professora Nórma Tasca não escondeu a sua admiração, quando lhe mostrámos que, em 1939, Abel Salazar divulgava e comentava Servien.

Foi porém a sua última paixão cultural.

Abel Salazar voltou-se para a sua Arte e regressou até ao microscópio, num laboratório da Faculdade de Farmácia que lhe foi então permitido utilizar.

Escreveu entretanto magníficos estudos críticos, como os que dedicou a Pousão. Com a tendência para a paixão nas suas apreciações, escreveu artigos que provocaram sensação, como as páginas sobre Goya e Columbano.

Jofre do Amaral Nogueira, na citada antologia que organizou, escreveu sobre a sua «acção doutrinante»: «Não nos parece hoje oferecer dúvidas que as *soluções* de Abel Salazar não encerravam uma visão ajustada dos factos e das ideias.

O Neo-Positivismo caiu praticamente no olvido, tendo-se revelado por completo incapaz de nos dar conta, até mesmo da problemática gnoseológica do nosso tempo».

Aquele que foi um dos orientadores da segunda fase do *Sol Nascente* não deixa de reconhecer em Abel Salazar uma valiosa acção de incitamento cultural.

Num estudo sobre o Neo-Realismo, publicado este ano na revista «VÉRTICE», que é dirigida em Coimbra por Joaquim Namorado (outro dos intervenientes na mudança de orientação do Sol Nascente), António Pedro Pita refere-se a Abel Salazar como um dos mestres que «encadeou o Neo-Realismo». Essa relação deve-se, segundo ele, mais à sua qualidade de artista plástico e às posições cívicas que assumiu do que ao alinhamento numa posição «marxista». O mesmo autor salientou também que «na renovação do pensamento que Abel Salazar pretendeu realizar, no horizonte das alternativas o Marxismo estava ausente». António Pedro Pita apenas é mais claro do que Jofre do Amaral Nogueira, porque escreveu já livre da Censura, mas confirma a razão porque o Mestre foi abandonado. Abel Salazar ficou-se pela, divulgação do Positivismo Lógico, não havendo nos seus ensaios a valorização do Marxismo.

Como afirmou ao seu grande amigo Prof. Alberto Saavedra, não era comunista nem sequer estava interessado numa acção política partidária.

Certamente que Abel Salazar ocupou sempre uma posição de dignidade cívica, mas somente a sua categoria mental o distinguiu de muitos outros. No despertar nacional da consciência cívica que foi o MUD, o cientista concedeu à *República* uma interessantíssima entrevista e fez uma conferência em Matosinhos.

José Augusto França condenou o artista «a uma situação amadorística, que dificilmente poderia vencer» mas, ao mesmo tempo, pelo «dramatismo» acompanhado duma «crítica social», considera-o precursor da pintura neo-realista. Ernesto de Sousa, compartilhando, pelas citações de Júlio Pomar o interesse por esse «pintor admirável», coloca-o também no caminho do realismo socialista.

Na primeira fase do *Sol Nascente,* João Alberto dedicou duas páginas centrais da revista à exposição de obras de Abel Salazar no Salão Silva Porto, em 1938, dando-nos um esforço de visão crítica, ponto de partida para considerações interpretativas de interesse, que conduzem a uma admiração entusiástica.

Já na segunda fase, em 1940, outra exposição do Mestre foi anunciada numa coluna marginal, sem destaque, num total de seis linhas, com estas palavras:

«Exposição em que se destacaram traduções estéticas vigorosas do maior heroísmo e tragédia do norte – o trabalho das mulheres». Era mais uma afirmação pretendendo amarrar a Arte de Abel Salazar ao realismo social.

Ora, Abel Salazar foi um artista intuitivo, afirmando-se esteticamente numa realização tão espontânea como verdadeira, dando à sua expressão um sentido humano de comunicação simples e até pouco variada, pelo que criou o seu próprio estilo inconfundível. Embora Abel Salazar fosse um espírito progressivo, manteve-se sempre fiel à pintura naturalista. Não foi um pintor – de atelier, foi um pintor da figura humana, onde ela mais se mostra e agita – na rua. Foi também obsecada e sensualmente um pintor da mulher. Pintou os «chiços», as caixeiras das galerias Lafaiette, as elegantes dos «boulevards» e, mais tarde, as mulheres em cenas de trabalho, em armazéns ou nas cargas e descargas dos batelões, em Miragaia e na Ribeira. E porque repetiu os temas, como era sua tendência, este último mais do que os outros, talvez por sugestões insistentes, e o trabalho pesado das mulheres era uma flagrante condição de desarmonia social puseram-lhe o rótulo de pintor neo-realista.

Ora, as mulheres descalças, com lenços na cabeça, blusas amplas, saias enroladas na cintura que foram pretexto para encher algumas magníficas composições dessa fase do artista, não são talvez as mais sugestivas da beleza da mulher que Abel Salazar nos deixou. Esses quadros podem aproximar-se dos belos temas de sabor folclórico de Pavia e Ciprano Dourado, mas nada têm de comum com as deformações intencionalmente expressivas de servidão e desgraça dum Vespeira, Rui Pimenta, Moniz Pereira, Manuel Filipe e Júlio Pomar.

Abel Salazar é bem expressivo quando escreve no citado livro ainda sobre a «Arte pela Arte»:

«Não se faz arte por decreto nazi, fascista ou comunista, como não se conseguiu outrora fazer arte por decreto católico; não se pode igualmente fazer arte por decreto *humanitário;* pois uma tal arte não seria então senão uma série de ilustrações feitas sobre os temas decretados».

Recusando ser ilustrador de panfletos de propaganda, limitando a agitação ao pensamento sem entrar na acção, desejando e promovendo a reforma das mentalidades sem os efeitos secundários das «profundas alterações» económicas e sociais, consideradas indispensáveis, Abel Salazar influenciou profundamente a geração que se desenvolveu entre o Nazismo e a Vitória dos Aliados, deu um exemplo da maior dignidade cívica mas não foi o Mestre do Neo-Realismo.

Contrasta o abandono a que os neo-realistas o votaram, por não aderir a Marx, com o culto deste que se estabeleceu depois da sua morte. Sucederam-se as manifestações de insensato panegírico sem o respeito pela crítica que o próprio tanto se preocupava em adoptar como método. Observou-se uma apropriação exclusiva da sua personalidade. E a maior parte das memórias evocativas publicadas não tem carácter interpretativo.

As homenagens visaram, nitidamente, o propósito de exploração política. Foi bem demonstrativa a sessão pública realizada no cinema Batalha, em 13 de Janeiro de 1975, que degenerou num comício partidário, a que não faltaram manifestações de hostilidade para quem fosse considerado estranho.

Realização altamente positiva é a da Casa Museu onde a sua vida está documentada de modo a revelar o valor dos trabalhos científicos e da sua actividade cultural dinamizadora. Com excepcionais habilidade, técnica e gosto, aí estão expostas as variadas expressões da Arte viva, marcadamente pessoal, profundamente humana e plena de Beleza de Abel Salazar.

Por ALFREDO RIBEIRO DOS SANTOS

ALFREDO RIBEIRO DOS SANTOS

Porto, 29 de Dezembro de 1980

(trinta e quatro anos após a morte de Abel Salazar)